

**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

FRANK DA SILVA SOUZA

**A PANDEMIA DE COVID-19 E SUA RELAÇÃO COM A
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOS ENTREGADORES DE
APLICATIVO: Uma revisão bibliográfica**

PARNAÍBA-PI

2021

FRANK DA SILVA SOUZA

**A PANDEMIA DE COVID-19 E SUA RELAÇÃO COM A
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOS ENTREGADORES DE
APLICATIVO: Uma revisão bibliográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí - UESPI, para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof. Dr. Radamés de Mesquita Rogério.

PARNAÍBA-PI

2021

**A PANDEMIA DE COVID-19 E SUA RELAÇÃO COM A
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOS ENTREGADORES DE
APLICATIVO: Uma revisão bibliográfica**

Frank da Silva Souza ¹

RESUMO:

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a relação entre a pandemia de COVID-19 e a precarização do trabalho dos entregadores por aplicativo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva, realizada a partir do levantamento de trabalhos científicos em meios eletrônicos, com abordagem metodológica qualitativa e exploratória. Fez uso da base de dados da Plataforma Sucupira (Qualis CAPES) e do buscador de artigos acadêmicos Google Acadêmico fazendo-se uso dos seguintes descritores: pandemia de COVID-19, entregadores por aplicativo, motoboys, precarização do trabalho; dos quais foram selecionados 6 (seis) para os resultados e discussões, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Concluiu-se, a partir dos resultados do estudo, que houve um aumento da demanda pelos serviços do trabalho dos entregadores por aplicativo devido ao isolamento social imposto pelas restrições sanitárias ligadas à pandemia, assim como um aumento da demanda pela busca desse trabalho por trabalhadores desempregados em um cenário de aumento do desemprego. Ao mesmo tempo, essa força de trabalho foi desvalorizada em seus ganhos e cada vez mais explorada, tendo sua condição de trabalho cada vez mais precarizada. O pensamento de Karl Marx sobre a relação de dominação e exploração no âmbito do capitalismo contribuem bastante para a compreensão desse fenômeno.

Palavras Chaves: Precarização do trabalho; Entregadores por aplicativo; Motoboys; Pandemia de COVID-19.

ABSTRACT:

The present research has as general objective to understand the relationship between the COVID-19 pandemic and the precariousness of the work of delivery people by application. This is a descriptive bibliographic research, carried out from the survey of scientific works in electronic media, with a qualitative and exploratory methodological approach. It used the database of the Sucupira Platform (Qualis CAPES) and the search engine for academic articles Google Scholar, using the following descriptors: COVID-19 pandemic, delivery people by app, motoboys, precarious work; of which 6 (six) were selected for the results and discussions, according to the inclusion and exclusion criteria. It was concluded, from the results of the study, that there was an increase in the demand for the work services of delivery people by application due to the social isolation imposed by the sanitary restrictions linked to the pandemic, as well as an increase in the demand for the search for this work by workers unemployed in a scenario of rising unemployment. At the same time, this workforce was devalued in its earnings and increasingly exploited, having its working condition increasingly precarious. Karl Marx's thinking about the relationship of domination and exploitation within the scope of capitalism contributes greatly to the understanding of this phenomenon.

Keywords: Precariousness of work; Delivery by application; Motoboys; COVID-19 pandemic.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí - UESPI, para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Radamés de Mesquita Rogério.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que ora apresento foi motivada por minha experiência pessoal de vida e pelo entendimento de que a questão que busquei estudar é importante social e sociologicamente.

A atividade de entregador por aplicativo é uma de minhas principais fontes de renda, onde a exerço desde de novembro de 2018 até os dias atuais. O motivo de entrar nessa atividade, como o é a de muitos outros, foi o desemprego. Assim que comecei, ainda era um bom tempo para esta atividade, haja visto que eu só precisava trabalhar com um aplicativo, a *Bee Delivery*. Esse aplicativo atendia diversos estabelecimentos e estava em plena expansão, com um grande contingente de entregadores e ainda com um número menor de outros aplicativos disputando mercado.

Durante todo esse tempo que estou nesta atividade, tenho observado muitas mudanças, uma delas é que muitos daqueles entregadores que eram do período que entrei, poucos ainda estão trabalhando com a plataforma de entregas *Bee Delivery*, muitos ainda são entregadores, porém de outros aplicativos ou sendo fixos de outros estabelecimentos.

A razão principal dessas migrações para outros aplicativos ou para o trabalho fixo em outra empresa, de acordo com minha experiência de inserção no campo como “nativo”, era o fato de termos de repassar 20% de cada entrega para o aplicativo. Isso gerava muitas discussões, principalmente nas semanas em que o movimento era fraco e ainda teria que abrir mão dessa percentagem, o que não era nada bom para os ganhos com essa atividade de trabalho. Se no meu início tinham muitas entregas e o rendimento era satisfatório, não posso dizer mais o mesmo.

Hoje o entregador tem que ser cadastrado no mínimo em dois ou três aplicativos para conseguir um valor referente ao salário mínimo, no final do mês. Outra mudança que teve e causou muita revolta foi a mudança na forma de pagamento, pois, anteriormente, o entregador ficava responsável por todo o valor recebido das entregas e depois de uma semana, repassava a parte que cabia à empresa, entregando para o gerente do aplicativo. De 2020 para cá, a forma de repasse mudou: em vez da plataforma receber com uma semana os valores correspondentes a sua percentagem das corridas, agora são os entregadores que trabalham sete dias para poder receber seu pagamento, valores estes já descontado os 20% de cada entrega realizada pelo trabalhador, que é pertencente a plataforma digital.

Além das despesas com alimentação, saúde e tudo mais, há as despesas da moto, troca de óleo, manutenção e agora o entregador tem que esperar esses dias todos para ver a cor do dinheiro, este já descontado os 20%, é claro. Essa mudança fez com que mais pessoas

desistissem de trabalhar com a empresa e foram em busca de outras atividades ou estabelecimentos para trabalharem.

Além da *Bee Delivery*, me associei a mais duas outras, a *Gold Entregas* e a *On Drive*. A *On Drive* não tinha muita movimentação em relação a pedidos durante o dia, seu maior movimento é mais a noite, horário que nos dias atuais deixei de fazer entregas devido ao aumento da violência na Cidade de Parnaíba-PI, onde resido e trabalho. Esta foi outra mudança na minha rotina de entregas: antes cheguei a ficar na ativa nas entregas até às 23h. Não o faço mais por temer a violência sofrida pelos entregadores a noite que são alvos dos ladrões, pois sabem que podem levar dele a moto, os smartphones, dinheiro das entregas, muitas opções em um só lugar.



Imagem 1: No site da Bee Delivery, vemos a imagem do entregador na tranquilidade da espera de uma nova chamada. Um contraste com a situação difícil enfrentada pelos trabalhadores do setor

Eu mesmo já fui assaltado em serviço, no início do ano de 2019, neste tempo ainda ficava no horário da noite, mas ironicamente, fui assaltado durante o dia. Em um domingo ao meio dia no conjunto esperança, próximo a garagem da empresa de transporte de passageiros Guanabara. Após entregar o pedido, enquanto montava minha moto, os bandidos me avistaram e me abordaram. Um desceu apontado a arma e o outro ficou na moto em ponto de fuga. Levaram o dinheiro que tinha de outras entregas, meu celular e ainda fui agredido fisicamente. Agradeço por não ter levado um tiro e não terem levado minha moto, que é muito importante em minha vida, pois é usada não somente para o trabalho, como também para o uso pessoal, lazer, transporte do dia-a-dia.

Neste mesmo período, muitos outros entregadores formam assaltados, como o caso de um amigo meu que ao chegar no endereço foi abordado pelos assaltantes. E pelo lugar que foi feito o assalto, acredita-se que os próprios ladrões fizeram o pedido. Em relação aos perigos de assaltos e roubos, acontecem de várias formas. Uma delas é quando o assaltante se passa por cliente, faz o pedido pelo aplicativo, passa o endereço que costuma ser nos bairros mais perigosos, estatisticamente falando, e costuma fazer um pedido em média de R\$ 20,00 a R\$

30,00 e pedem troco para R\$ 100,00. Fica na espreita da chegada do entregador e faz o assalto. Levando muitas vezes, a moto do entregador, o celular e o troco para o R\$ 100,00 que tinham pedido.

Muitos sofreram acidentes em trabalho, mas não receberam apoio algum de suas plataformas. Um companheiro meu de trabalho sofreu um acidente em trabalho para uma dessas plataformas e fraturou o punho como causa mais grave, e teve que ficar afastado por meses. Ele conta que não recebeu nenhum apoio da empresa. O que o revoltou mais, pois ele sempre atendia os chamados e atuava até altas horas da noite e quando precisou de apoio por parte do aplicativo, não o encontrou. Já teve de voltara à ativa, mesmo não estando totalmente recuperado, devido às necessidades, teve que abreviar a recuperação. Trabalha hoje usando uma proteção no punho tentando proteger o local da fratura enquanto se recupera.

Fui vítima ainda de bloqueio por parte de um dos aplicativos com os quais trabalhei. Por não fazer corridas a noite e as durante o dia não eram suficientes. Recentemente fui excluído de um deles porque questionei o fato deles imporem uma regra que considero degradante e abusiva, mas que tem o objetivo de forçar o trabalhador a não ter folga. Uma semana não pude trabalhar a semana toda, entregando em somente três dias, tendo o valor de R\$ 60,00 para receber. Quando chegou a segunda-feira, dia de receber, o setor financeiro não quis transferir meu dinheiro, justificando que tem o teto mínimo de transferência de R\$ 100,00 para assim fazê-lo. Precisando do valor, mesmo que sendo pouco, exigi e reclamei bastante no grupo de entregadores até receber o aviso que se recebesse o valor, seria excluído. Recebi o valor e fui bloqueado.

Hoje tenho outras atividades além de entregador, pois não tem como sobreviver só com o que ganho com as entregas e essa é uma das questões importantes deste trabalho, a precariedade na remuneração do entregador de aplicativo aliado às condições degradantes de trabalho e a exploração dessa mão-de-obra. O único aplicativo no qual eu me mantive trabalhando, perdeu muito espaço para as demais empresas de delivery, como: *Gold Entregas*, *Uber Eats*, *Alfred Delivery*, *Express*, *Ubiz Eats* entre outras, além de todo estabelecimento ter seu próprio entregador.

Desde que tive baixa na carteira em 2010, não tive mais a carteira de trabalho assinada, e neste segmento é um campo cheio de exemplos como o meu, pois não temos vínculo algum com os aplicativos, sem direitos e com muitos deveres impostos por este. Faço minhas contribuições através dos tributos pagos pelo meu MEI (tive que me tornar Microempreendedor para poder ser Representante da Empresa Sumup, onde vendo máquinas de cartão de crédito e

assim, continuo contribuir com a previdência), porém a grande massa dos entregadores, não tem vínculo e nem contribuem, o que o prejudicará quando precisar se aposentar.

Nos últimos dias que fiquei online no aplicativo, recebi poucas chamadas, vejo que o número de pedidos caiu consideravelmente, muito devido ao momento de crise que vivemos, como também pelo fato de termos mais aplicativos desenvolvendo seus trabalhos na cidade, conseqüentemente, mais entregadores rodando, tendo assim a fórmula de poucas entregas, muitos entregadores. Daí a necessidade de ter que aumentar as horas trabalhadas para poder fazer um valor que supra as necessidades.

Existe também uma defasagem nos preços das taxas, onde esses valores são determinados pela plataforma e no caso da *Bee Delivery*, os valores são estipulados por bairro, distancia dele e a “periculosidade”, tendo alguns bairros mais perigosos até bloqueados para receber pedidos. Isso é algo bom na Bee, já na *Gold Entregas*, é por quilometragem e não excluem bairro algum. Digo isso, porque a minha primeira entrega para eles foi justamente para o bairro Conjunto Dom Rufino III, onde nos dias de hoje é um dos lugares mais perigosos de nossa cidade, menos mal que foi durante o dia, pois não atuou mais a noite.

Muitas das características que serão discutidas neste trabalho, presentes nas pesquisas apresentadas na revisão bibliográfica, refletem as situações que vivenciei ou que vi de perto no dia-a-dia de meus companheiros de trabalho. A precarização do trabalho, falta de assistência por parte das plataformas digitais para com seus entregadores, a informalidade, uma vez que não temos carteira de trabalho assinada e ganhamos somente pelas corridas que fazemos, tendo que arcar com todas as despesas e custos adicionais que possam acontecer: pneu furar, despesas médicas devido acidente por exemplo.

A crise sanitária desencadeada pela pandemia de COVID-19 contribuiu para fazer ficar mais visível problemas que já existiam ou para fazer com que esse problemas aumentassem: o desemprego e a pobreza aumentaram e isso contribuiu muito para o aumento da precarização do trabalho².

² “No trimestre encerrado em setembro deste ano [2020], a taxa de desemprego subiu para 14,6% e bateu novo recorde, marcando o terceiro consecutivo em uma economia atingida pela crise da Covid-19. A população desempregada neste período foi estimada em 14,1 milhões de brasileiros, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada no dia 27 de novembro. Esse é o maior nível já registrado pelo estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que calcula desde 2012 a desocupação oficial do país. O gráfico abaixo mostra as taxas de desemprego de 2012 até os mais recentes dados de 2020”. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/605148-pandemia-eleva-desemprego-e-escancara-precarizacao-do-trabalho-de-entregadores-por-aplicativos>. Acesso em: 26 fev 2022.

Assim, interessou-me buscar apontar a relação entre a pandemia de COVID-19 e a precarização do trabalho dos entregadores de aplicativos, em especial os motoboys, classe ao qual eu pertencço. Passo agora à exposição da metodologia de minha pesquisa.

1.2 Metodologia

Inicialmente, meu orientador e eu pensamos em realizar uma revisão bibliográfica baseada em artigos publicados em revistas de Sociologia presentes no *Qualis* Periódicos Capes. Na área de Sociologia, a classificação dos periódicos compreende dois estratos: o “superior” é formado pelos grupos A1, A2 e B1, enquanto o “inferior” compreende os grupos B2, B3, B4, B5 e C.

O *Qualis* Periódicos “é um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos” (Capes, 2017) e sua avaliação é realizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Considerando que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em março de 2020 como pandemia a COVID-19, a pesquisa levou em conta artigos publicados a partir do mês de abril de 2020 até dezembro de 2021. Considerou-se ainda revistas do *Qualis* A1 de Sociologia, exclusivamente em língua portuguesa, de programa de pós-graduação do Brasil e com disponibilidade on-line.

A resposta inicial a essa seleção foi um universo de 27 revistas a serem pesquisadas. A partir daí, foram pesquisadas todas as publicações dessas revistas no período citado levando em conta que os artigos deveriam conter nas palavras-chaves de seus resumos os seguintes descritores: de um lado, uma das seguintes palavras e/ou categorias – pandemia, coronavírus, COVID-19, precarização do trabalho, subemprego; e do outro, uma das seguintes palavras e/ou categorias – motoboys, entregadores, entregadores por aplicativos.

Em um total de **xx** artigos, a pesquisa não encontrou nenhum artigo que se enquadrasse no critério estabelecido. Acreditamos que o tempo foi o principal fator que contribuiu para a ausência total de artigos publicados dentro do perfil estabelecido, mas esta é uma questão que precisa ser melhor investigada.

Diante desse volume de informações pesquisada e do retorno negativo, decidimos buscar outra forma de realizar a pesquisa bibliográfica vindo a optar pelo Google Acadêmico ou Google Scholar. Surgido em 2004, o Google Acadêmico O Google Acadêmico ou Google Scholar é

uma ferramenta gratuita, que permite localizar trabalhos acadêmicos de vários tipos (por exemplo, artigos de congressos, teses e dissertações, além de artigos de periódicos de acesso aberto ou pagos), em múltiplas línguas (inclusive português), disponibilizadas em repositórios na web ou sites acadêmicos, além de determinar a frequência com que foram citados em outras publicações acadêmicas (CAREGNATO, 2011, p.72).

A despeito de suas limitações analisadas pela autora acima citada, o Google Acadêmico faz uso de um software que rastreia a web para reconhecer automaticamente os campos que compõem os documentos científicos e suas referências: “com isso, viu-se surgir uma ferramenta sem precedentes, que oferece acesso gratuito a dados bibliográficos e também a milhões de artigos na íntegra” (JACSÓ *apud* CAREGNATO, 2011, p.72).

Agora a pesquisa fez uso de somente dois descritores (entregadores e COVID-19) e obteve como resposta 57 páginas contendo, cada uma, 10 artigos. Devido ao grande volume de 570 artigos a serem verificados, optamos por acrescentar mais dois elementos de seleção e corte: seriam considerados apenas os artigos em que pelo menos um dos autores tivesse formação na área de ciências sociais (graduação, mestrado ou doutorado) e artigos publicados em 2021.

Somente oito artigos atenderam a esse critério e compuseram a amostra. Conforme Soares, a amostra corresponde à “seleção de elementos da população que se quer estudar, para se proceder à análise e quantificação ou compreensão, interpretação, definição, em suma, conforme o caso” (2007, p. 68). Há uma exceção, entretanto, que foi considerada na análise: trata-se do artigo de Nascimento e Reis (2020). Embora o artigo tenha sido publicado em 2020, a plataforma nos retorna dentro do critério da pesquisa o reportando como um artigo de 2021. Considerando o uso da plataforma como instrumento de seleção e a pertinência do artigo, optamos pela manutenção do mesmo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Pandemia de COVID-19 e a precarização do trabalho dos entregadores por aplicativo: revisão bibliográfica

A partir de agora, traremos o resultado de nossa pesquisa de revisão bibliográfica. Conforme citado na introdução, apresentaremos o que os oito artigos selecionados, de acordo com os critérios estabelecidos, debatem sobre nosso objeto de pesquisa.

Amorim e Moda (2021), buscaram demonstrar como a crise sanitária resultante da pandemia causada pela pandemia de COVID-19 colocou em evidência um trabalhador até

então “invisível” ou mesmo “indesejados no trânsito”: os trabalhadores por aplicativo. Os autores apontam que durante a pandemia aconteceu um aumento não somente da demanda de trabalho desse serviço, mas da própria exploração dessa classe de trabalhadores.

Enquanto uma parte da população e dos profissionais pode se resguardar em suas casas em obediência às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto ao isolamento social, profissionais como os entregadores foram lançados às ruas com maior intensidade pressionados pelo desemprego cada vez maior no país.

Os autores definem o conceito de trabalhador por aplicativo:

“serviços uberizados que envolvam a execução de algum tipo de trabalho, no qual deve ocorrer uma relação de assalariamento, mesmo que disfarçada, por esta atividade e que utilize aplicativos digitais para gerenciar e controlar os processos de trabalho” (Idem, p.107).

Sendo a uberização a “nova forma de organização, gerenciamento e organização da força de trabalho” (Ibidem). Amorim e Moda ainda discutem sobre a questão do vínculo entre as plataformas digitais e o trabalhador. Para os autores, a forma como o trabalho é realizado pelo motoboy/entregador através dos aplicativos, deveria gerar vínculo empregatício. Esse é um debate que merece estudos específicos à parte.

Outra constatação dos autores, é que mesmo com o aumento nos pedidos nas plataformas digitais, isso não se refletiu no aumento dos ganhos dos entregadores, uma vez que aumentou consideravelmente o número de entregadores, fazendo com que os ganhos continuassem irrisórios e tendo como única alternativa para adquirir maiores ganhos, que é aumentar a carga horária de trabalho.

Diante desse cenário de pressões, cobranças excessivas, necessidade de diminuir cada vez mais o tempo de entrega dos pedidos feitos, surgiu a necessidade dos trabalhadores por aplicativos, em específico, os motoboys, de se unirem e através de um ato coletivo de paralisação, reivindicar melhoria no modo operante dos aplicativos em relação aos inúmeros trabalhadores que lhe prestam serviço. Que utilizou os próprios meios digitais e redes sociais para promover a parada e por meio destas e através de mensagens alcançaram um maior número de adesões.

Enfim, observaram os autores que quanto mais desemprego e informalidade houver, mais dos chamados “trabalhadores livres como pássaros” (uma referência que os autores fazem à expressão usada por Marx em O Capital) existirá e o Brasil mostra-se ser um ótimo terreno para tal situação de exploração trabalhista. É histórico que a classe trabalhadora sofre com essa superexploração do trabalho, onde apenas a exceção escapa desta realidade. Contudo, em

específico, os trabalhadores de aplicativos, estão começando a se mobilizar, como novas formas de fazê-lo, tendo como aliados, as redes sociais com objetivo de lutar por seus direitos, formando grupos, que os representem, que fale por eles assim como foi feito passado por outras categorias.

Salvagni, Colomby e Cheron (2021) realizam um ensaio teórico que busca discutir as condições de trabalho dos entregadores de aplicativos, de forma que vem a apontar que as mudanças nas estruturas, formas organizacionais da sociedade têm impacto direto no surgimento das novas formas do processo produtivo. Onde quanto mais ligação tiver com os meios tecnológicos, mais distintos são os meios laborais, e será preciso novas capacitações por parte dos trabalhadores e essas mudanças que implicam a atribuição de outros sentidos ao trabalho.

O sistema capitalista, que tem como objetivo o acúmulo de riquezas, somado ao ideal do neoliberalismo, que vem vigorando em nível mundial, sempre de mãos dadas com o Estado mínimo, temos um quadro que acarreta na desfiguração dos direitos trabalhistas e sociais, que com duras penas foram conquistados com o passar dos anos. Perdendo direitos e benefícios e direitos trabalhistas, ficando somente a subordinação, exploração por parte dos empregadores.

O meio do digital é uma nova forma de exploração e alienação do trabalho, onde o trabalhador de aplicativo ou prestadores de serviço de corridas através do aplicativo são submetidos a um gerenciamento algoritmo do seu aplicativo. Algoritmo esse que tem total controle sobre seus subalternos, dizendo as corridas que devem aceitar, corridas a realizar, percurso a serem feitos e tempo de entrega. Caso essas orientações não sejam prontamente atendidas, podem ocorrer penalidades, desde das financeiras até bloqueios no aplicativo, causando o impedimento do trabalho por parte do trabalhador.

Os autores irão apontar que o trabalho remoto por meio do aplicativo, que no seu início, chegou a ser visto como “conquista” da autonomia dos trabalhadores, com a ideia de flexibilidade no trabalho, passou a ser percebido no contexto de suas fragilidades, como uma atividade informal que não oferece nenhum tipo de segurança trabalhista para os seus colaboradores.

Nesse contexto de Neoliberalismo servindo aos interesses das relações mercantis transnacionais, enquanto o Estado de bem-estar social vai sendo quebrado, percebe-se uma intensificação da insegurança da classe trabalhadora e o enfraquecimento das instituições que deveriam protegê-la. Por sua vez, na uberização há o aprofundamento da exploração e alienação via novas formas de controle que vão além da conexão ou desconexão de um aplicativo por parte dos trabalhadores submetidos ao gerenciamento algorítmico do seu trabalho. (SALVAGNI, COLOMBY, CHERON; 2021, p. 150-151).

O trabalho mostra também que de acordo com os dados do IBGE, a crise sanitária agravou os números em relação ao desemprego, que chegou a soma de 13,9 milhões, números estes do 4º trimestre de 2020. E com o aumento do desemprego, surgimento de novos formatos de trabalho, faz com que muitos desempregados busquem por esta atividade para sua sobrevivência. Que em pouco tempo o leva ao que chamam de esgotamento, seja ele mental e fisiológico. Uma vez que terá de se submeter as longas jornadas de trabalho, pois com o desemprego em alta, muitos aderiram para este segmento.

Em diálogo com Peter Pelbart (2013), com o seu conceito de esgotamento, os autores apontam que os trabalhadores por aplicativos tem como uma de suas principais fontes, o esgotamento, o fato de ultrapassarem a figura do chefe. Onde por não terem “chefe”, por terem a dita flexibilidade de horário, a ideia de que você é quem determina sua jornada de trabalho, tem-se que muitos dos que se encontram desempregados ingressem neste segmento, onde a princípio é até satisfatório, porém é apenas uma falsa satisfação de que não está sendo observado, avaliado e subjugado.

Os autores concluem apontando uma série de aspectos que podemos enumerar assim: 1. “há um cenário de falência do modelo neoliberal, que só ganhou algum fôlego com a entrada das plataformas digitais intermediando a exploração das corporações ao trabalhador”; 2. “Ou seja, um modelo que depende do lucro exponencial e que pareceria estar chegando ao seu limite, conseguiu agora, mais uma vez, novo fôlego”; 3. “Ao trabalhador, contudo, resta a sobrecarga exponencial que, no caso dos entregadores por aplicativo, chegou a um limite”; 4. “o esgotamento, que é físico, psíquico e emocional, foi traduzido em luta operária, como foi o caso da greve de julho de 2020. Curiosamente, as ferramentas digitais, que tanto servem para acelerar e controlar o trabalho, também foram usadas a serviço da mobilização” (2021, p. 164).

Com o objetivo de discutir a participação de jovens negros no trabalho de entregadores “à luz do gerenciamento algorítmico e do controle centralizado de modos de vida periféricos”, Abílio (2021) analisa as condições de trabalho desses entregadores e sua organização política durante a pandemia de Covid-19.

A autora inicia definindo e caracterizando o termo “Bikeboys” que são entregadores ciclistas por aplicativo que desempenham uma atividade que é típica juvenil, negra e periférica. Esses trabalhadores caracterizam a uberização que é um novo tipo de gerenciamento, controle e organização do trabalho.



Imagem 2: Aguardar é uma das marcas do trabalho de entregadores por aplicativo, tendo em vista o controle exercido pelos últimos. Na imagem vemos entregadores que aguardam por uma chamada de entrega na Rua Augusta no centro de São Paulo³.

Define também uberização que é um modo de trabalho onde o trabalhador informal não tem direitos, garantias e proteções ligadas ao trabalho e assume os riscos e custos da sua atividade. Conforme a autora, “o trabalhador uberizado está disponível para o trabalho, mas só é aproveitado se houver demanda, sendo então um trabalhador just-in-time” (p. 580). Sem garantias nem determinações fixas no que se refere a remuneração da jornada de trabalho. Longe de ser um empreendedorismo ou autonomia, trata-se, na verdade, de um autogerenciamento subordinado.

A tese central da autora nesse artigo é que há uma relação direta entre o modo de vida da juventude periférica e o modelo de exploração do trabalho característico dos entregadores por aplicativo.

Em outras palavras, esse viver periférico envolve o gerenciamento de si que se tece na ausência de redes de proteção social e que passa a ser apropriado e controlado de novas maneiras. Discute-se, então, como elementos associados ao modo de vida periférico parecem estar se generalizando por meio das relações de trabalho. (ABÍLIO; 2021, p. 581).

A informalidade controla e gerencia o trabalho é chamado de trabalho amador. O modo de vida característico da periferia é administrado por meio desse novo tipo de organização e gerenciamento do trabalho. Para Abílio, esse estilo de vida segue um curso duradouro e não fixo entre trabalho formal e informal, empreendimentos familiares, trabalhos que não são reconhecidos como trabalho, combinação de diferentes modos de geração de ganhos, que se subordinam a informalidade/gerenciamento por algorítmico do trabalhador uberizado.

³ “O percurso desumano da comida até sua casa”. Fonte: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-percurso-desumano-da-comida-ate-sua-casa/>. Acesso em 01 mar 2022.

A “juvenilização” da profissão dos entregadores revela íntima relação com a uberização, com o processo de desvalorização do trabalho, do rebaixamento do valor da força de trabalho, do aumento do tempo de trabalho, da intensificação e da transferência de riscos e custos para o trabalhador, além de uma perda/mudança de sua identidade profissional.

Encerrando, é analisada a condição de trabalho dos entregadores e sua resistência durante a pandemia de covid-19 em 2020, quando fica claro a precariedade do entregador uberizado, bem como sua importância no setor de distribuição e circulação, assim como na reprodução social de outros trabalhadores.

A análise é baseada em: 1) acompanhamento das condições de trabalho e das trajetórias de vida de bikeboys e motoboys na cidade de São Paulo, em pesquisa que vem sendo realizada nos últimos oito anos, por meio de entrevistas baseadas no método de estudo de trajetória de vida e aplicação de questionários semiabertos; 2) pesquisa quantitativa nacional realizada por meio de questionários fechados aplicados on-line no mês de abril de 2020 junto a 270 entregadores por aplicativo; 3) dados secundários sobre o perfil socioeconômico e as condições de trabalho de entregadores ciclistas na cidade de São Paulo.

Em resumo, as observações da autora giram em torno das seguintes análises: 1. Trabalhador “just-in-time” e Gerenciamento Algorítmico do Trabalho: trabalhador que é remunerado somente pelo tempo trabalhado, arca com os próprios custos da jornada de trabalho, que não é preestabelecida, sendo utilizado e chefiado de acordo com a demanda; 2. Do Empreendedor de si ao Autogerente Subordinado Periférico: o trabalhador uberizado é com frequência denominado chefe de si mesmo, trabalhador autônomo ou empreendedor. Assim, o “autogerenciamento do trabalhador pode ser relacionado às perspectivas sobre a formação de um sujeito neoliberal que se engaja e se administra como um empresário de si em um mundo atravessado pelas lógicas da concorrência em diversas esferas da vida” (2021, p.585); 3. Juvenil como sinônimos de mais precário: Sem formalidade a carreira de entregador uberizado vai se estabelecendo e seu início se dá por meio do bikeboy. Este é um trabalho alternativo para gerar renda, onde não existe processo seletivo formal, nem se exige experiência prévia, basta ter uma bicicleta, ser maior de idade, aderir e ter aprovação no cadastro. O bikeboy tem jornadas longas e cansativas em que o jovem traça suas estratégias de sobrevivência de modo subordinado.

A título de conclusão, temos que o artigo relata que no período da pandemia evidenciou-se a importância do trabalhador uberizado. Porém, os entregadores perceberam diminuição em seus rendimentos, mesmo mantendo longas jornadas de trabalho. Uma hipótese para explicar isso é que tenha havido um aumento expressivo de cadastros por trabalhadores desempregados e/ou oriundos de outras ocupações, que viram na entrega por aplicativo uma

possibilidade de geração de renda, o que ocasionou uma diluição da distribuição e consequentemente, diminuição dos lucros por parte dos entregadores.

Machado e Zanoni (2021) apresentam o resultado de uma pesquisa sobre trabalho de entregadores em plataformas digitais que teve como objetivo compreender as construções sobre os direitos e os sentidos de justiça entre os entregadores, captar os impactos na remuneração e no tempo de trabalho causados pela pandemia da COVID-19, assim como compreender que sentido os entregadores da cidade de Curitiba atribuíram as duas paralisações nacionais ocorridas em julho de 2020.

Citaram a formação de solidariedades horizontais e complexas, configurações de uma racionalidade profissional e a necessidade de estudos aprofundados. O trabalho focou nas formas de trabalho das plataformas digitais Ifood, Uber Eats, Rappie Loggi, da cidade de Curitiba.

A pesquisa procurou responder duas questões: a primeira é como os entregadores que trabalham pelas plataformas digitais entendem a situação em que vivem e se organizam diante das adversidades enfrentadas. Os autores buscaram compreender os problemas que os entregadores enfrentam bem como sinais de solidariedade e resistência frente ao poder das plataformas digitais. A segunda é o trabalho dos entregadores diante da pandemia do COVID-19, procurando compreender os impactos da pandemia na remuneração e no tempo de trabalho desses trabalhadores, que apesar de ser uma atividade essencial, presenciou uma queda na remuneração.

Em seguida, a pesquisa analisou a compreensão das pautas e entendimentos dos entregadores na cidade de Curitiba, nas suas particularidades e especificidades locais de prestação de trabalho. Utilizaram a metodologia de grupo focal, com entregadores e lideranças. Como hipótese interpretativa, observaram a formação de consenso em torno da necessidade da construção e da valorização de uma identidade do tipo profissional, bem como de uma “regulamentação mínima” da atividade que abranja todos os entregadores, independente da formação do vínculo de emprego com as plataformas.

Os autores conceituam “uberização” no sentido de trabalho em forma de prestação de serviço como um processo que surge no mundo do trabalho como um aumento do trabalho precário. As forças de gerenciamento algoritmo utilizadas pelas plataformas ofuscam a noção de subordinação e controle, camuflando a responsabilidade das plataformas, visto que elas resistem em reconhecer a qualificação jurídica de assalariamento.

Os autores ressaltaram uma decisão recente do judiciário brasileiro que aponta para uma disposição à invisibilidade dessas novas formas de subordinação a que estão submetidos

os trabalhadores de aplicativos. A decisão foi tomada pela segunda Seção do Superior Tribunal de Justiça (STJ), publicada em 4 de setembro de 2019, afirmando ter entendido que os motoristas de Uber não possuem vínculo de emprego e, portanto, devem lutar por seus direitos na esfera da justiça comum e não na justiça do trabalho. Afirmando assim que o sistema de transporte privado individual possui natureza de cunho civil.

A decisão do STJ evidencia o caráter decisório dos magistrados brasileiros em relação a “Uberização” do trabalho. Por um lado, partem do princípio da primazia da realidade e reconhecem as novas tecnologias, as novas formas de trabalhar e de organizar o trabalho nas justificações. Por outro lado, a tendência é de não reconhecerem as “transformações dos padrões clássicos da dependência e subordinação (MACHADO e ZANONI; 2021, p.12).

Os autores ressaltaram uma decisão recente do judiciário brasileiro que aponta para uma disposição à invisibilidade dessas novas formas de subordinação a que estão submetidos os trabalhadores de aplicativos. A decisão foi tomada pela segunda Seção do Superior Tribunal de Justiça (STJ), publicada em 4 de setembro de 2019, afirmando ter entendido que os motoristas de Uber não possuem vínculo de emprego e, portanto, devem lutar por seus direitos na esfera da justiça comum e não na justiça do trabalho. Afirmando assim que o sistema de transporte privado individual possui natureza de cunho civil.

Os autores na tentativa de compreender o agravamento com a atual pandemia citam três hipóteses analíticas para o futuro baseadas em Ricardo Antunes (2020). A primeira diz que o trabalho “uberizado” pelas plataformas digitais são a mais importante área de experimentação do capital para alavancar sua rede de produção que é o centro do processo de geração de valor e de riqueza social. As plataformas digitais estão se generalizando e endo cada vez mais informais, flexíveis e precarizadas, se valendo de algoritmos, inteligência artificial e outros mecanismos para atender seus lucros e resultados na criação de novas formas de trabalho com jornadas extensas, baixos salários e demissões repentinas e injustificadas.

A segunda comprova a ampliação global das plataformas de exploração do trabalho em um “capitalismo” com características da Revolução Industrial: jornadas de trabalho superiores a oito horas, baixa remuneração, aumento da intensidade do trabalho e crescimento do contingente sem direitos sociais e trabalhistas. A terceira afirma que estamos entrando em uma nova etapa de desantropomorfização do trabalho onde há uma intensa inclusão do trabalho à máquina informante. Assim essa nova forma digital, algorítmica e financeira do atual mundo empresarial estipula novas modalidades de trabalho “uberizado”, que abre espaço para uma nova estrutura das lutas sociais.

Por fim os autores relatam que os desafios impostos pelos negócios das plataformas digitais não se limitam a uma única atividade, já que há uma diferença na estrutura do modelo. Quando se compreende os impactos na forma de trabalho dos entregadores, isso nos fornece provas das tendências e linhas de forças que atuam no capitalismo contemporâneo, ao mesmo tempo que indica a situação cada vez mais vulnerável do trabalho e as mobilizações e paralizações dos entregadores revelam que há um surgimento de resistência.

Apontam, a partir deste estudo a possibilidade de uma agenda de pesquisa para investigar o surgimento de formas de solidariedade extensas e complexas que firmam o pensamento de mobilização e negociação baseadas na história trabalhista do século XX, bem como formulam e dão novos significados às situações econômicas e sociais do nosso tempo.

Nascimento e Reis (2020), apresentaram uma pesquisa sobre como a pandemia do coronavírus Sars-cov-2 atingiu o trabalho de entregadores por aplicativo no Brasil, buscando entender como estão se estabelecendo as relações e condições de trabalho no contexto da crise sanitária. O estudo foi feito por meio uma pesquisa bibliográfica e documental em artigos, sites, dados estatísticos, documentos oficiais e legislação sobre o tema. Alguns dados e informações foram obtidos em bancos de dados, em estudos publicados por órgãos governamentais e privados e em instituições multilaterais de pesquisa.

As autoras iniciam o trabalho enfatizando o crescimento e expansão do mercado de aplicativos pelas tecnologias da informação e comunicação. Que permitiram um fácil acesso por todos e possibilitaram uma grande oferta de tipos distintos de aplicativos, dando ao cliente uma maior possibilidade de escolha e facilidade de acesso a uma variedade enorme de segmentos de entrega de alimentos, além da comodidade de receber onde estiver. Por trás desses empreendimentos, existe uma grande quantidade de trabalhadores e trabalhadoras estes que se inseriram em um cenário de alta informalidade do trabalho e de desemprego, quando em fevereiro de 2020 a pandemia do Sars-Cov-2 se espalhou por todo o Brasil.

A pesquisa foi estruturada em três partes. A primeira contextualiza o trabalho por aplicativos, suas identidades, facetas, operacionalização etc. A segunda parte investiga como as relações e condições de trabalho se estabeleceram durante a pandemia no Brasil. E a terceira apresenta as considerações finais.

Para as autoras,

O trabalho por plataformas digitais se insere no contexto do sistema econômico hegemônico capitalista. O processo de mundialização, financeirização e neoliberalismo tiveram amplo papel na acumulação de capital e na expansão e consolidação de hierarquias entre Estados, bem como

determinaram a formação do trabalho em escala global. No Brasil, os reflexos desses efeitos tantos podem ser vistos em sua posição geopolítica como Estado periférico e dependente, quanto em suas relações e condições de trabalho, que têm sido marcadas pela desigualdade (NASCIMENTO e REIS; 2020, p. 115).

Sob a ótica do trabalho, acontece a mudança dos custos dos empreendimentos para trabalhadores e trabalhadoras, sejam de produção ou reprodução do capital.

Nesse contexto os smartphones assumem um papel central para o trabalho digitalmente plataformizado, já que por meio dele que o “gerente-algoritmo” controla o tempo, o trabalho, os cliques nas telas, conseguindo dados de clientes e trabalhadores, administrando o trabalho de modo centralizado, estabelecendo quem permanece inscrito no aplicativo e quem é expulso ou descredenciado.

Não existe um limite definido de início e fim da jornada. O trabalhador fica a disposição da empresa, permanecendo horas conectado e trabalhando para poder adquirir uma renda supra suas mínimas necessidades de vida.

Conforme demonstram as autoras, o Brasil possui duas modalidades de entregadores e entregadoras por plataformas de delivery: bikes e motociclistas. E duas ramificações no trabalho por aplicativo: os “trabalhadores da nuvem”, que são prestadores de serviço aos quais não se exigem um cumprimento de horário e jornada, servindo diretamente aos aplicativos; e a categoria dos operadores logísticos (OLs) que são empregados de empresas terceirizadas pelos aplicativos, tendo cumprir horários, sem vínculo trabalhista. As duas ramificações exercem controle do trabalho e relações de subordinação.

Com relação a renda dos entregadores e entregadoras as autoras analisaram primeiro dados de pesquisas anteriores à pandemia e em seguida os compararam a números obtidos no momento da crise sanitária, com o objetivo de verificar se esse período houve ou não impacto nos rendimentos dos trabalhadores.

Ao comparar dados de pesquisas realizadas, puderam observar que os entregadores por aplicativos trabalharam mais horas que a média do total de ocupados e possuem ganhos menores. Ficou comprovado que mesmo com o aumento da carga horária de trabalho desses sujeitos no período de pandemia, o mesmo não aconteceu com os ganhos, diferentemente das plataformas digitais que viram seus faturamentos aumentarem.

O aumento da jornada está relacionado ao número de contratações durante a pandemia provocando a diminuição das entregas por trabalhador, o que fez com que tivessem que trabalhar mais tempo, para manter os rendimentos. As autoras demonstram ainda que as pesquisas avaliadas até o momento da realização do trabalho mostraram que existem poucas mulheres atuando no setor de entregas por aplicativo.

Ao acompanhar relatos de entregadoras em grupos da internet, puderam observar reclamações sobre as bags, mochilas usadas para transportar alimentos e objetos nas entregas. A reclamação era de que as mesmas eram projetadas nos moldes do corpo masculino o que lhes causavam desconforto no uso. Também observaram se os trabalhadores tiveram orientação e/ou proteção das empresas durante a pandemia. E para isso analisaram as páginas na internet dessas empresas e sites secundários comparando-os com dados e informações de pesquisas que investigaram o ponto de vista deles.

Constatou-se que a medidas a favor da saúde dos entregadores não foram adotadas desde o início pelas instituições e empresas. Os dados coletados mostraram que uma grande parcela dos entregadores ainda necessitava de orientações e proteção no período pandêmico para que pudessem trabalhar de forma segura.

Diante disso, manifestações foram iniciadas por estes trabalhadores, a primeira ocorrendo no dia 1º de julho de 2020. Sendo chamada de “Breque dos Apps”. A reivindicação era por melhores condições de trabalho para a categoria, fim dos bloqueios indevidos pelos aplicativos, pontos de apoio para os entregadores, disponibilização de Equipamentos de Proteção Individual para que os entregadores pudessem trabalhar com maior segurança durante a pandemia e pelo apoio dos aplicativos em decorrência de acidentes.



Imagem 3: Na foto, vê-se uma referência ao movimento de paralisação dos entregadores que ficou conhecido como “Breque dos Apps”⁴.

A pesquisa mostrou que a pandemia diminuiu a renda de uma parte significativa dos entregadores, que são em grande parte homens jovens pardos que utilizam motocicletas e bicicletas como veículo principal. As autoras concluem que as relações e condições de trabalho na pandemia foram edificadas de forma desigual e com o aumento da informalidade no setor

⁴ Fotografia: Jaqueline Deister, Jornal Brasil de Fato (NASCIMENTO e REIS, 2020).

de entregas, se mostraram com mais falta de segurança nesse período de crise sanitária. Puderam verificar também que os trabalhadores e trabalhadoras por aplicativos receberam tardiamente orientações de saúde, prevenção e proteção à COVID-19 por parte das empresas. Bem como averiguaram que a segurança fornecida por estas atingiu apenas uma parcela dos trabalhadores, de acordo com seus relatos, enquanto a maior parte permaneceu sem assistência neste período.

Desgranges e Ribeiro (2021) fizeram uma análise da divulgação e repercussão nas redes sociais das manifestações dos entregadores por aplicativo no Brasil durante a pandemia em julho de 2020, manifestações estas denominadas “Breque dos Apps”. Os autores combinaram metodologia quantitativa e qualitativa para fazer a análise do uso das redes sociais por entregadores como uma ferramenta para denunciar a precariedade do trabalho, bem como reivindicar seus direitos.

Os autores observaram 1162 publicações no Instagram que continham a tag #ApoioBrequeDosApps, e 50 vídeos da plataforma YouTube. Foi utilizado material etnográfico coletado em anais do YouTube de entregadores-influencers há mais de dois anos. Estes dados revelaram um êxito na divulgação do movimento e a observação de entregadores-influencers e seu público demonstraram haver uma constituição de novos elementos e narrativas que promovem a organização e mobilização diferente do sindicalismo, o que caracteriza uma nova forma de organização do trabalho.

Os autores ressaltam que os entregadores de aplicativos ganharam grande evidência durante a pandemia da COVID-19. Também observou-se a fragilidade e a insegurança deste trabalho e um das condições precárias de trabalho, o que levou a organização do movimento Breque dos Apps, com a realização de duas manifestações, nos dias 01/07 e 25/07 de 2020, tendo como objetivo parar os aplicativos de delivery por um dia, na tentativa de evidenciar suas demandas e reivindicações.

Os autores buscaram analisar a rede produzida pelos entregadores no YouTube e Instagram, visando compreender como as mobilizações “Breque dos Apps” foram conduzidas, e como sua repercussão foi percebida pelos mesmos. Os autores observaram o desenvolvimento da greve por meio das plataformas digitais, o que levou a compreensão de que não se pode tratar os fenômenos sociais como problemas online ou off-line, já que a greve e ocupação de vias públicas e as publicações nas mídias são meios utilizados em uma mesma realidade e experiência humana.

Os autores da pesquisa relatam que o grande desafio metodológico da pesquisa foi extrair metadados de diferentes plataformas, já que foi preciso utilizar e cruzar diferentes

ferramentas digitais para conseguir os dados. Esclarecem também que os dados contidos nesta pesquisa não objetivam substituir os modos tradicionais das ciências sociais, e sim, fortalecer as investigações sobre os desdobramentos do trabalho por plataformas, permitindo uma análise de dilemas, práticas e a repercussão das mobilizações no meio virtual.

Com o início oficial da quarentena no Brasil, no final de março de 2020, os entregadores-influencers começaram a postar vídeos que mostravam as mudanças na rotina, causadas pela pandemia.

Sobre a pauta que pede o fim dos bloqueios nos aplicativos de entrega, Jeff fala que apesar de não gostar destes bloqueios indevidos, não é possível exigir o fim dos mesmos. São termos de uso do aplicativo e o entregador os aceitam ao se cadastrar. Diz também não considerar que as taxas baixas afetem os rendimentos, basta haver demanda ou trabalhar mais para atingir suas metas de renda. Os autores observaram que uma das empresas que mais demonstrou tentar reparar sua imagem pública após o Breque, foi a Ifood, que dobrou o fundo solidário e de proteção.

Portanto, foi identificado pelos autores que sindicalistas tem se organizado e mobilizado de formas diferentes e o Breque dos Apps é um exemplo disso. Um movimento que permitiu mobilizar pautas comuns com reivindicações formadas e promovidas por interesse de indivíduos, não um grupo representativo institucional.

Os autores tiveram acesso ao alcance dos protestos no ambiente online ao utilizar posts, vídeos e respectivos metadados. Puderam apontar as conexões que essas manifestações geraram na rede e uma lexicografia comum que rende diversas pautas.

Enfim, foi observado que os entregadores conseguiram mobilizar o Breque atingindo um grande alcance nas redes e essa nova forma de manifestação desses trabalhadores apontam para as tendências contemporâneas de ações trabalhistas, onde as demandas são outras e o modelo de sindicato parece não se encaixar a elas.

Por último, a pesquisa “Mercado de trabalho: conjuntura e análise” (IPEA, 2021) aponta que a pandemia de COVID-19 trouxe mudanças estruturais e alterações à dimensão do trabalho por parte da categoria de entregadores por aplicativo. A demanda aumentou e gerou por consequência a ampliação de serviços direcionados a esses trabalhadores desprovidos de garantias os quais estão sempre à disposição das plataformas, com remuneração exclusiva pelo tempo empregado na execução de sua tarefa.

O trabalho sobre demanda gera por consequência o trabalhador just-in-time, ou seja, o indivíduo autogerenciado sempre à disposição das plataformas e

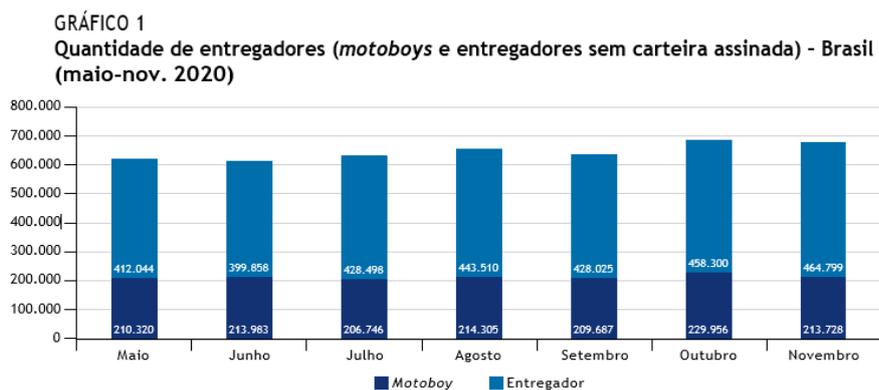
remunerado exclusivamente pelo tempo dispensado na execução de uma tarefa específica. (IPEA, 2021, p.2).

Apesar de estar em tempo integral à disposição dos aplicativos, são prejudicadas por parte dos pesquisadores com relação a contagem do tempo de serviço, pelo motivo de ser levado em conta, apenas as horas em que o aplicativo foi acionado. Ficando de fora das estatísticas, as horas em que o trabalhador fica aguardando sua próxima chamada. Negando assim ao trabalhador o acesso ao em comum mais relevante que é a sua visão de jornada de trabalho, rendimento, entre outras condições.

Nesse sentido, o conceito de uberização, enquanto processo que oculta as relações de exploração do trabalho por intermédio de uma ampliação constante da individualização e da invisibilização, pode-se comprovar pela constante algoritmização do controle do trabalho. (IPEA, 2021, p.2).

O método utilizado para a pesquisa foi por análise quantitativa, dados estes obtidos por intermédio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) COVID-19, pesquisa criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Extensão (IBGE), tendo como foco as áreas de saúde e trabalho.

Em um levantamento realizado pelo IBGE em 2020, o número de entregadores foi estimado por cerca de 678.527 trabalhadores, com um crescimento de 8,2% de maio até novembro. Já os motoristas, na contramão, são aproximadamente 1.271.219 com um decréscimo de cerca de 6%.



Fonte: PNAD Covid-19.
Elaboração do autor.
Obs.: Com 6.564 observações em nível nacional.

Imagem 4: Gráfico da pesquisa PNAD Covid-19 sobre a quantidade de entregadores sem carteira assinada no Brasil em 2020.

A pesquisa ainda apontou o perfil geral dos entregadores durante a pandemia quanto à escolaridade, idade, renda média, jornada média de trabalho, quantidade daqueles que contribuem para o INSS, quantidade daqueles que receberam o auxílio emergencial, que

solicitaram empréstimo bancário, o que contribui para uma compreensão mais ampla do perfil desses trabalhadores.

2.2 Precarização do trabalho dos entregadores por aplicativo: da experiência pessoal ao olhar sociológico

Marx diz que o processo de trabalho é uma atividade que tem como objetivo produzir para uso e que a força de trabalho é o próprio trabalho. Foi possível ver esse e outros conceitos seus sobre elementos do trabalho ao se realizar esta pesquisa sobre os entregadores por aplicativo.

É possível notar nesta forma de labor que o comprador, que neste caso é o gerenciador do aplicativo, ao comprar esta força de trabalho, e a consome fazendo trabalhar aquele que a vende, que é o entregador.

O mais interessante é perceber como sua teoria do trabalho como mercadoria se reflete e, de certa forma se concretiza, e comprova na vida deste tipo de trabalhador. Dentre os fatores que compõem esta teoria vemos que o trabalhador é submisso ao capitalismo, sendo inferior e dependente do mesmo sujeita-se às suas exigências para garantir a sobrevivência. Este é exatamente o caso vivenciado pelos entregadores de delivery que, pela necessidade de obter seu sustento e garantir o pão de cada dia de sua família, submete-se às exigências e injustiças praticadas pelos aplicativos, sendo-lhe submisso e dependente.

Durante a pandemia, devido a alta taxa de desemprego, a oferta destes trabalhadores aumentou consideravelmente, causando prejuízo aos mesmos. Passaram a ser vistos como mercadorias, e como descreveu Marx ainda no século XIX:

(...) nada é mais ocasional nem está sujeito a variações do que o preço do trabalho. (...) a decadência e o empobrecimento do trabalhador é o produto do seu próprio trabalho e da riqueza produzida por ele. Consequentemente, a miséria surge de forma espontânea da *essência* do trabalho presente (MARX, 2006, p.71).

Com o aumento do cadastro de entregadores nos aplicativos, os valores das taxas de entregas diminuíram, bem como a quantidade de entregas para cada um, o que fez com que tivessem que aumentar sua carga horária para poder atingir suas metas de salário, abrindo mão do tempo livre, do descanso ou lazer, aumentando suas horas de trabalho no intuito de melhorar seus ganhos.

De fato, não há uma igualdade entre trabalhador e capitalista. Se o capitalista ganha, o trabalhador não ganha, mas se o capitalista perde o trabalho também perde, conforme afirmou

Marx (2006). Isso foi notado e foi motivo de protesto entre os entregadores. Com a pandemia e o isolamento social praticado por uma parte da população, a demanda de pedidos por aplicativos de *delivery* teve um aumento considerável, consequentemente os aplicativos viram seus lucros aumentarem, porém o mesmo não se pode dizer dos entregadores, pois como as várias pesquisas citadas apontaram, percebeu-se uma perda financeira por parte desses trabalhadores, devido aos valores das taxas de entregas cair, diminuindo assim, seu valor recebido pelo trabalho realizado.

Segundo Marx, os economistas concordam em dizer que nada é mais ocasional nem está mais sujeito a maiores flutuações do que o preço do trabalho. É possível notar isso quando a indústria acumula o capital, o que leva a controlar mais trabalhadores, que resulta em um aumento da quantidade de produtos, tendo como consequência, o desemprego ou redução de salário. Este conceito retrata bem a realidade da relação entre as plataformas digitais (representando a indústria) e entregadores (força de trabalho).

Onde desde março de 2020 quando iniciou no Brasil a pandemia da COVID-19, como já relatado anteriormente. Com o aumento do número de entregadores e da competitividade para realizar as chamadas, houve uma desvalorização no seu valor de trabalho. Segundo Marx, na economia política fala que o proletariado é visto como um cavalo que recebe somente o necessário para poder trabalhar. O entregador de aplicativo vive esta realidade ao receber o mínimo possível para realizar suas entregas com a *bag*, que em inglês, quer dizer sacola (nome do recipiente na qual são levados os pedidos), porém tendo que usar seu próprio transporte, seja este uma bicicleta ou motocicleta.

Torna-se evidente que a economia política considera o proletariado, ou seja, aquele que vive, sem capital ou renda, apenas do trabalho e de um trabalho unilateral, abstrato, como simples trabalhador. Por consequência, pode sugerir a tese de que ele, assim como um cavalo, deve receber somente o que precisa para ser capaz de trabalhar. A economia política não se ocupa dele no seu tempo livre como homem, mas deixa este aspecto para o direito penal, os médicos, a religião, as tabelas estatísticas, a política e o funcionário de manicômio (MARX, 2006, p.72).

Como também de arcar com todas as despesas inerentes ao trabalho, no caso desses trabalhadores, podemos citar: manutenção do transporte, despesa com combustível, troca de óleo, pneu furado, despesas médicas em caso de acidentes e equipamento de proteção individual (EPI), que poucos são ofertados pelas plataformas digitais.

Apesar de todas estas desvantagens, as altas taxas de desemprego, a inflação em constante alta que faz com que o poder de compra das pessoas fique menor, tem mantido

elevada a procura por este tipo de trabalho que conseqüentemente faz aumentar a concorrência pelas chamadas no aplicativo, diminuindo assim seu lucro.

De acordo com Marx (2006), na guerra industrial os soldados suportam as cargas impostas para escapar da fome e que os chefes consideram seus subordinados não como homens, mas como instrumentos de produção que devem produzir muito e custar o menos que puder, outra similaridade notada com a realidade do objeto de estudo deste artigo, na figura do entregador por aplicativo, que sofre pressões para executar o máximo de entrega possível durante sua jornada de trabalho, que cada dia fica maior, para poder bater as metas, seja meta pessoal ou imposta pela plataforma. Gerando o mínimo de despesas, tendo como despesa, as taxas que correspondem a entregas dos trabalhadores, ou melhor, parte do valor das taxas de cada entrega realizada, uma vez que a plataforma ainda retém uma percentagem desse valor, que em média varia de 10% a 20%.

Conforme o que o levantamento bibliográfico demonstrou, a análise das plataformas de delivery revelou que a pandemia favoreceu seu uso, uma vez que a utilização de seus serviços de entregas contribuiu para o isolamento social daqueles que o puderam fazer em suas casas.

Essa maior adesão da sociedade às plataformas digitais, bem como o impulsionamento desse modelo de negócios, não trouxe melhorias às condições de trabalho dos entregadores e gerou uma reação por parte dos trabalhadores.

Assim, como apontaram Delgado e De Carvalho:

as apurações realizadas no período evidenciam que os entregadores passaram a ser submetidos a jornadas de trabalho ainda mais exaustivas, à baixa remuneração e à ausência de condições socioambientais condizentes com os patamares civilizatórios de trabalho digno, circunstância agravada ante o risco de contaminação pelo novo coronavírus. Para dar notoriedade à situação precarizante vivenciada e reverter o desequilíbrio contratual experimentado, os entregadores de aplicativos se organizaram coletivamente e deflagraram paralisações em todo país, apresentando uma pauta inicial de demandas a serem atendidas pelas plataformas digitais (2020, p.397).

Da atualidade do pensamento de Marx para pensar a condição de precarização do trabalho dos entregadores por aplicativo, passaremos as nossas conclusões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalhador trabalha sob o controle do capitalista a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida de que o trabalho se realize em ordem e os meios de produção sejam empregados conforme seus fins, portanto, que não seja desperdiçada matéria-prima e que o instrumento de trabalho seja preservado [...] (MARX, 1996, p.304).

O objetivo dessa pesquisa foi...

Procurei fazer uma pesquisa que partiu de minha experiência pessoal de trabalhador precarizado de entregador por aplicativo para construir uma análise sociológica utilizando uma revisão bibliográfica e dialogando com a teoria de Marx sobre o trabalho e a exploração da classe trabalhadora.

Foram pesquisadas xx artigos e concluo que xxx, embora tendo a consciência de que essa pesquisa é um recorte limitado de um problema social que precisa ser bastante estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização e juventude periférica: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho**. Novos estudos CEBRAP, v. 39, p. 579-597, 2021.

AMORIM, Henrique J. Domiciano; MODA, Felipe B. **Trabalho por aplicativo: uma síntese da intensificação do trabalho, da informalidade e da resistência política no contexto da Pandemia de COVID-19**. RTPS-Revista Trabalho, Política e Sociedade, v. 6, n. 10, p. 105-124, 2021.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo (coord.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 11-22.

CAREGNATO, Sonia Elisa. **Google Acadêmico como ferramenta para os estudos de citações: avaliação da precisão das buscas por autor**. Pontodeacesso, v. 5, n. 3, p. 72-86, 2011.

DELGADO, Gabriela Neves; DE CARVALHO, Bruna V. **O movimento coletivo dos entregadores de plataformas digitais no contexto pandêmico**. Revista Eletrônica de Direito do Centro Universitário Newton Paiva | Belo Horizonte | n.42 | p. 396-410 | set./dez. 2020.

DESGRANGES, Nina; RIBEIRO, Wickson. **Narrativas em rede: O Breque dos Apps e as novas formas de manifestação de trabalhadores em plataformas digitais**. MovimentAção, v. 8, n. 14, p. 189-208, 2021.

GRISCI, Carmem L. Iochins; SCALCO, Priscila D.; JANOVIK, Mayara S. **Modos de Trabalhar e de Ser de Motoboys: A Vivência Espaço-Temporal Contemporânea**. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2007, 27 (3), 446-461.

MACHADO, Sidnei; ZANONI, Alexandre Pilan. **O trabalho em plataformas digitais: direitos, COVID-19 e problemas emergentes**. Sociedade e Cultura, v. 24, 2021.

MARX, Karl. **O capital. Crítica da economia política.** Volume I, Livro I, O processo de produção do capital. Coleção Os Economistas. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

_____. **Manuscrtos econômico-filosóficos.** São Paulo: Martin-Claret, 2006.

NASCIMENTO, Libia Luiza Carneiro do Reis. **As condições de trabalho dos entregadores e entregadoras por aplicativos no Brasil durante a pandemia.** Princípios, v. 1, n. 160, 2020.

IPEA. **Mercado de trabalho: conjuntura e análise.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho. – v.1, n.0, (mar.1996). Brasília: Ipea: Ministério do Trabalho, 2021.

PELBART, Peter P. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento.** São Paulo, N-1 edições, 2013.

SALVAGNI, Julice; COLOMBY, Renato Koch; CHERON, Cibele. **Em contexto de pandemia: entregadores de aplicativos, precarização do trabalho, esgotamento e mobilização.** Simbiótica. Revista Eletrônica, v. 8, n. 3, p. 149-169, 2021.

SOARES, Marcos C. Fonseca. **Algumas considerações sobre coleta de dados para a pesquisa qualitativa.** Razão e Fé, Pelotas, 76 9(2):67-76, jul.-dez./2007.